

A liberdade enquanto fundamento da verdade no pensamento de Jean-Paul Sartre

*Polyelton de Oliveira Lima*¹

RESUMO

Neste artigo, abordar-se-á a questão do fundamento da verdade no pensamento de Jean-Paul Sartre. Para tanto, os conceitos de consciência intencional, liberdade e *para-si* serão imprescindíveis para a fundamentação e a argumentação que auxiliarão na explicitação do conceito de verdade. Ora, Sartre entendia a liberdade como sendo a própria manifestação da consciência intencional, ou seja, um projetar-se para fora de si. Apoiando-se no conceito de consciência intencional de Edmund Husserl, o filósofo existencialista afirma que seria somente a partir dessa consciência que o ser humano se colocaria enquanto um projeto de ser no mundo, isto é, enquanto um ser *para-si* que busca incansavelmente a sua fundamentação. A fim de se fazer um recorte do pensamento de Sartre, serão evidenciadas, sobretudo, as obras que foram escritas de 1937 a 1948. Desta forma, este artigo tentará reconstruir o conceito de verdade a partir do horizonte da liberdade.

PALAVRAS-CHAVE

Consciência; Liberdade; Para-si; Verdade.

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB). Lattes: [5247302580334464](https://lattes.cnpq.br/5247302580334464). E-mail: polyelton@gmail.com. ORCID: [0009-0005-9297-7218](https://orcid.org/0009-0005-9297-7218).

Freedom as the foundation of truth in the thought of Jean-Paul Sartre

ABSTRACT

This article will talk about the concept of truth in the thought of Jean-Paul Sartre. To this end, the concepts of intentional consciousness, freedom and *for-itself* will be essential for the foundation and argumentation that will help to explain the concept of truth. Now, Sartre understood freedom as being the very manifestation of intentional consciousness, that is, a projecting out of yourself. Based on Edmund Husserl's concept of intentional consciousness, the existentialist philosopher says that it would only be from this consciousness that the human being would place himself as a project of being in the world, that is, as a being *for-itself* that tirelessly seeks its foundation. In order to make an excerpt of Sartre's thought, the works that were written between 1937 and 1948 will be used, above all. In this way, this article will attempt to reconstruct the concept of truth from the horizon of freedom.

KEYWORDS

Consciousness; Freedom; For-itself; Truth.

Recebido: 23/01/2025

Aceito: 09/07/2025

Publicado: 03/04/2026

DOI: <https://doi.org/10.59780/xdzs3793>

Introdução

A fim de se estruturar o pensamento de Jean-Paul Sartre é preciso destacar que a constituição da sua filosofia é marcada, principalmente, por três importantes fases: 1) a husserliana; 2) a heideggeriana; e 3) a marxista. Vale destacar que isso não implica na afirmação de que as três fases apontam para possíveis contradições ou problemas evidentes no jovem Sartre ou no Sartre maduro. Muito pelo contrário, essas três fases devem ser entendidas como complementares, expressando a evolução e o amadurecimento do seu pensamento.

Ao longo da sua vida, Sartre escreveu obras de literatura, teatro e filosofia, concedendo várias entrevistas e contribuindo com várias revistas. Essa variação de textos levou alguns intérpretes a questionarem a importância dos textos não filosóficos para a compreensão da sua filosofia, sugerindo, inclusive, que Sartre teria desfigurado a sua produção filosófica.² Para esses intérpretes, as obras de literatura são pouco ou nada relevantes para a compreensão do pensamento sartriano. Antes de qualquer coisa, a filosofia de Sartre deve ser definida a partir de uma fenomenologia existencial, onde os fenômenos são colocados em suspensão a fim de compreendê-los.³

É nesse contexto que o conceito de verdade, que constitui o objeto de pesquisa deste trabalho, deve ser entendido como um desses fenômenos a ser estudado. Dessa maneira, a compreensão do conceito de verdade no pensamento de Jean-Paul Sartre é essencial para o entendimento do complexo movimento intencional empreendido pela consciência e, conseqüentemente, da busca dessa consciência para se realizar enquanto um projeto de tentativa de fundamentação do ser *para-si*. Por mais que esse conceito não tenha sido o ponto de partida ou de chegada do filósofo francês, faz-se necessário compreendê-lo a partir de um processo de constituição do conceito de liberdade que surge com o próprio *para-si*.

² Segundo o professor Franklin Leopoldo e Silva (2003), o conjunto de textos escritos por Sartre deve ser lido com vistas a apontar a existência de uma “vizinhança comunicante”. Essa chave de leitura permite relacionar os textos de literatura e com os de filosofia. É como se existisse uma passagem interna entre as obras literárias e as obras filosóficas. Nesse sentido, Sartre teria desenvolvido um método capaz de aliar a filosofia e a literatura a fim de se caracterizar a historicidade e dar conta da análise fenomenológica das vivências narradas historicamente. Esse entendimento também é seguido pela professora Thana Mara de Souza (2008) e pelos professores Luciano Donizetti da Silva e Renato dos Santos Belo (2020).

³ Em Husserl, o termo *epoché* significa exatamente a suspensão das proposições ou juízos, ou seja, colocar entre parênteses tudo aquilo que pode ser entendido como fenômeno a fim de se propor uma correta compreensão. Ao entrar em contato com o pensamento de Husserl no ano de 1933, Sartre entende que a *epoché* e a consciência intencional seriam as únicas maneiras viáveis para se falar da própria consciência e, também, dos fenômenos.

No desenvolvimento da sua filosofia, Sartre fundamenta o conceito de liberdade a partir do próprio movimento intencional da consciência. Esse movimento é relacionado ao conceito de ser *para-si*⁴ (o próprio ser humano). A liberdade seria o agir incondicional dos seres humanos, ou, mais precisamente, a própria manifestação humana. Na obra *O ser e o nada*, Sartre parte dessa mesma consciência intencional, identificando a liberdade com a própria consciência e com o nada que marca o *para-si*. Ora, não se trata apenas da liberdade enquanto fundamento e essência do agir, não se trata da liberdade fundada no livre-arbítrio, mas, fundamentalmente, da liberdade enquanto processo e descoberta do agir e do fazer humano, do agir que fundamenta e constitui sentido para a existência.

Esse movimento intencional da consciência acontece em função do interminável movimento feito pelo ser *para-si*, na tentativa incansável de se realizar e de se tornar um ser *em-si-para-si*. Vale destacar que esse *em-si-para-si* é o desejo que o *para-si* tem de se colocar como um ser pleno e definido. O *para-si* se projeta para fora na medida em que busca a sua própria fundamentação, na medida em que tenta fugir do vazio de ser, do nada. Isso significa dizer que a constituição do indivíduo se dá pela sua liberdade e, nesse processo, surge o *para-si* e a constante tentativa de se tornar um ser *em-si*.

O *para-si* existe enquanto uma incessante tentativa de fuga da contingência, indo ao encontro da autodeterminação de um ser realizado, ou seja, de um ser *em-si*. É nesse processo de constante busca, mediado pela liberdade, que surge a relação histórica entre o homem e a verdade. Desse modo, ao exercer o seu projeto de libertação, o *para-si* tenta sintetizar a liberdade de ação com as determinações do mundo objetivo.

Diante dessas questões preliminares, caberia a formulação de algumas perguntas que poderão auxiliar na compreensão do problema da verdade em Sartre. Ora, se o ser *para-si* é o ser da falta, o ser da busca, o ser do projeto e o ser em liberdade, de que forma esses conceitos podem estar relacionados ao conceito de verdade? De que forma esse ser, que é projeto de libertação, poderia caracterizar e evidenciar o conceito de verdade? E mais: como esse ser poderia empreender uma tentativa de constituição daquilo que pode ser entendido por verdade?

Apresentados os problemas, passa-se agora para a reconstrução de alguns dos principais conceitos sartrianos a fim de se compreender o conceito de verdade. Nesse primeiro momento, e de maneira ainda muito incipiente, faz-se necessário dizer que a

⁴ Em Sartre, o ser *em-si* é a própria coisa, o objeto ou fenômeno bruto, aquilo que não carece de fundamentação. Por outro lado, o *para-si* é o ser humano, aquilo que ainda não é, aquilo que se busca constantemente.

verdade deve ser pensada enquanto uma constituição histórica que somente pode ser elaborada a partir de uma relação entre o indivíduo, a sua existência, o mundo e a na mediação permanente da liberdade. Além disso, deve-se entender esses conceitos como sendo parte constitutiva da vizinhança intencional da consciência. Cumpre, ainda, registrar que essa breve pesquisa pretende analisar alguns dos principais conceitos que foram desenvolvidos ao longo do período de 1939 a 1948, no período que vai da publicação de *A transcendência do ego* a *Cahiers pour une morale*.⁵

A consciência, o ser *para-si* e o nada

Em *O ser e o nada*, de 1943, principal obra filosófica de Sartre, há a complexa e minuciosa discussão sobre a questão do ser e do nada, passando pela questão da consciência e da liberdade. Além disso, há o apontamento e a construção fenomenológica dos conceitos fundamentais que compõem a constituição argumentativa do seu pensamento. Desse modo, como ponto de partida, há a pergunta fundamental do seu pensamento: o que é a consciência intencional? Como forma de registro, a questão da consciência já aparece nas obras *A transcendência do ego* e *Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade*, ambas escritas em 1933, mas só publicadas posteriormente.

Em *A transcendência do ego*, ao fazer referência ao pensamento de René Descartes, o filósofo existencialista reconstrói a elaboração da famosa expressão “*Cogito Ergo Sum*” e a coloca na perspectiva fenomenológica da questão da existência. Dito de outra forma, Sartre reelabora o *cogito* cartesiano como sendo a atividade fundadora da própria existência e, conseqüentemente, da formulação do ser *para-si*. Segundo Sartre, e na perspectiva da fenomenologia existencialista, essa proposição de Descartes (“*Penso, logo existo*”) deveria ser substituída pelo “*Existo, por isso penso*”.

Ainda nessa obra, Sartre parte do pressuposto de que a consciência é pura, translúcida, opaca e intencional. Isso significa dizer que não há nada na consciência que possa determiná-la, muito menos determinar o mundo exterior e as outras consciências. Em resumo, Sartre critica a ideia de que exista um *ego* (eu) operador e motivador das

⁵ *Cahiers pour une morale* foi escrito em 1948, mas publicado postumamente em 1983, pela Editora Gallimard. Nessa importante obra, Sartre desenvolveu diversos textos que evidenciam as preocupações de Sartre com a questão da ética. Além disso, deve-se frisar que esse texto é um esboço inacabado daquilo que seria a sua teoria moral existencialista.

consciências. A consciência seria, portanto, o puro movimento intencional em direção ao mundo, um movimento que constituiria a consciência e que, também, abriria caminho para a consciência das coisas.

Nesse caminho do pensamento sartriano, a consciência intencional deve ser entendida a partir do conceito de ser *para-si*, ou seja, um ser que não é *em-si* e que busca constantemente a constituição de sentido enquanto um movimento contínuo em direção àquilo que ainda não é. O desejo do *para-si* é ser um *em-si-para-si*, ou seja, um ser pronto e acabado. Esse desejo colocaria fim ao sentimento de vazio desse ser. Ao se descobrir no vazio, na falta de sentido, na ausência de significação, o ser *para-si* se descobre enquanto um ser contingente, o ser das possibilidades que está em situação no mundo.

Antes de avançar nessa discussão, cabe, ainda, fazer um rápido esclarecimento quanto à questão do ser *em-si*. Por um lado, o ser *para-si* é o ser das possibilidades, o ser que se descobre vazio e sem sentido e que busca a sua constituição enquanto um ser acabado. Já o ser *em-si*, por sua vez, é o ser que se apresenta enquanto aquilo mesmo, ele não é ativo nem passivo, ele é pleno de si e não depende de um ser externo para se constituir, ele é aquilo que é e não pode ser outra coisa senão si mesmo. Desta maneira, o ser *em-si* não é o ser das possibilidades, nem mesmo o ser da necessidade, e, nas palavras de Sartre, “o ser *em-si* jamais é possível ou impossível: simplesmente é” (2005a, p. 40).

O descobrimento do ser *para-si* enquanto um projeto de ser surge a partir de uma conduta interrogativa do próprio *para-si*. É nessa atitude que o *para-si* se percebe vazio, vivendo no nada de si mesmo, no *não-ser*. Essa conduta interrogativa surge ao mesmo tempo em que o *para-si* se descobre incompleto, vazio e em busca de algo que o torne pleno. Ao se perceber como um ser do mundo, o *para-si*, que é o próprio homem, interroga-se sobre o mundo e sobre si mesmo. Nesse sentido, nas palavras de Sartre, “cada uma das condutas humanas, sendo conduta do homem no mundo, pode nos revelar ao mesmo tempo o homem, o mundo e a relação que nos une” (2005a, p. 44).

O *para-si* existe enquanto uma incessante tentativa de fuga da contingência, indo ao encontro da autodeterminação de um ser realizado, ou seja, de um *em-si*. É nesse processo de constante busca, mediado pela liberdade, que surge a relação histórica entre o homem e a verdade. Portanto, ao exercer o seu projeto de libertação, o *para-si* tenta sintetizar a liberdade de ação com as determinações do mundo objetivo.

Ao retomar a discussão sobre a questão do “*Cogito Ergo Sum*” em Descartes, a perspectiva filosófica e existencialista de Sartre evidencia o ser humano a partir da sua

existência. Nesse sentido, o homem é o ser em que sua essência só pode ser encontrada na sua própria existência. Isso implica dizer que o ser do humano só pode ser dado em função da sua situação no mundo e em função da sua liberdade, ou seja, na constituição histórica do seu próprio projeto de ser. O ser humano é, assim, esse projeto de ser iniciado pela consciência intencional e que só pode acontecer em situação e na medida em que se descobre e participa do mundo.

Que significa, aqui, que a existência precede a essência? Significa que o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida. Se o homem, na concepção do existencialismo, não é definível, é porque ele não é, inicialmente, nada. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele se tornar (Sartre, 2010, p. 25).

Feitos esses esclarecimentos, cumpre agora questionar: o que significaria esse nada diante da necessidade que o *para-si* tem de se fundamentar? Qual seria o sentido de o *para-si* ir em direção às possibilidades, ou seja, projetando-se em direção ao mundo? E o que o permitiria entrar nesse movimento? Para responder a essas perguntas, faz-se necessário, portanto, percorrer, de maneira breve e pontual, alguns conceitos erigidos por Sartre.

Em *O ser e o nada*, Sartre diz que o nada surge enquanto uma atitude questionadora, mediante uma pergunta que conduz o *para-si* a uma nadificação. O que é o ser *para-si*? Nada, o *não-ser*, o vazio. Ele é o ser que se faz na medida em que se projeta, na medida em que se encontra no mundo e em situação. Ao se perceber em constante movimento, do fazer humano surge a conduta interrogativa, o incômodo de saber que o seu ser é vazio e nunca será pleno de ser. Além disso, Sartre faz alusão à questão da espera ao dizer que “a interrogação corresponde à espera: espero uma resposta do ser interrogado” (2005a, p. 45).

Nesse ponto, cabe um salto de 1943 a 1948, em cujas obras Sartre parece fazer referência à mesma questão, ou seja, a interrogação como a espera do ser que interroga e a ignorância original que permeia a espera que surge com a atitude interrogativa do *para-si*. Desta maneira, ao fazer referência à ignorância original, Sartre afirma que são as perguntas sobre o mundo que permitem ao homem conhecer e se constituir enquanto ser. Portanto, diz Sartre:

o homem é o ser através do qual as perguntas vêm ao mundo; mas o homem é o ser a quem vêm ao mundo questões que lhe dizem respeito e que ele não pode resolver. O homem é, portanto, definido em relação a uma ignorância original.

Ele tem uma relação profunda com essa ignorância. É de acordo com ela que ele define o que é e o que busca (1989, p. 27, trad. livre).

Visto de uma maneira apressada, a interrogação e a ignorância parecem representar uma contradição no pensamento de Sartre. Entretanto, ao que parece, um olhar mais minucioso permitiria dizer que se tratam de questões complementares. Ora, é pela atitude interrogativa que o *para-si* descobre a sua condição de *não-ser*, e é pela ignorância que o mesmo *para-si* deseja se projetar para fora e em busca das possibilidades, em busca da sua realização. Nas palavras do filósofo francês:

[...] dizer que sou originalmente ignorante é dizer que a verdade é a minha possibilidade, que ela me espera e que eu sou o ser através do qual a verdade virá de dentro para o mundo. Dizer que não sei é dizer que sei que posso saber, é dizer que o mundo já é cognoscível (Sartre, 1989, p. 76, trad. livre).

Ao pensar essas questões, faz-se necessário afirmar que nada disso teria sentido se não fosse o conceito de liberdade desenvolvido por Sartre. Ora, é no reconhecimento do nada e da ignorância que o ser humano se depara com a liberdade. Não que a liberdade apareça com os conceitos de nada e ignorância. A liberdade é, antes de tudo, movimento. Além disso, o conceito de liberdade não deve ser entendido como o livre arbítrio defendido, sobretudo, a partir da Filosofia Medieval. Desse modo, sendo o movimento constante da consciência, é a liberdade que torna possível o projeto de ser do *para-si*.

O *para-si* se descobre comprometido no ser, investido pelo ser, ameaçado pelo ser; descobre o estado de coisas que o circunda como motivo para uma reação de defesa ou de ataque. Mas só pode fazer tal descoberta porque posiciona livremente o fim em relação ao qual o estado de coisas é ameaçador ou favorável (Sartre, 2005a, p. 600).

Destacadas essas questões sobre a consciência, a liberdade e o *para-si*, cumpre agora refletir sobre o que seria o fenômeno da verdade e como esse fenômeno surge no horizonte da liberdade. Não há como negar que é a partir da situação do indivíduo no mundo e da ação que o sujeito torna possível a sua liberdade. Nesse sentido, a liberdade é caracterizada pelo agir humano, sendo permeada pelas deliberações e em função dos projetos pautados pela historicidade. É na relação de exterioridade, do impulso intencional da consciência, que o ser humano constitui a si mesmo enquanto um ser do mundo e na presença de outros indivíduos também dotados de liberdade e conscientes.

O horizonte da liberdade e o surgimento da verdade

Em *O ser e o nada*, Sartre faz uma longa discussão sobre o problema da liberdade. Como dito anteriormente, o *para-si* é o ser a partir do qual a conduta interrogativa vem ao mundo e, por conseguinte, a nadificação surge nesse horizonte. Se o homem é a sua própria nadificação, e a consciência é a projeção de si para fora, a liberdade é a própria consciência se manifestando e em busca da sua fundamentação. Nas palavras de Sartre, “a liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade.” (2005a, p. 68). E continua:

com efeito, uma vez que atribuímos à consciência esse poder negativo com relação ao mundo e a si mesmo, uma vez que a nadificação faz parte integrante do posicionamento de um fim, é preciso reconhecer que a condição indispensável e fundamental de toda ação é a liberdade do ser atuante (2005a, p. 539-40).

É nesse sentido que o filósofo afirma que a liberdade é a primeira de todas as possibilidades. Isso coloca em evidência a liberdade como condição precípua da existência humana. Não há existência sem liberdade. Como não há natureza humana, a liberdade é a sua única condição. Não seria demais dizer que a liberdade é a estrutura em que o homem se realiza, em que o homem compreende a si mesmo e compreende o mundo. Dessa forma, afirma Sartre, “a liberdade é fundamento de todas as essências, posto que o homem desvela as essências intramundanas ao transcender o mundo rumo às suas possibilidades próprias” (2005a, p. 542).

Se a liberdade não deve ser pensada como propriedade, como um estado de direito e deveres, ela deve ser compreendida como libertação, ou seja, liberdade enquanto libertação do nada e não de alguma coisa. Assim, o professor Franklin Leopoldo e Silva esclarece que “a liberdade não aparece apenas como fundamento e finalidade, no sentido de marcos fixos no início e no fim de uma trajetória, mas como libertação, que no limite é ação de constituir-se a si mesmo e apropriar-se do mundo” (2004, p. 26).

Ainda sobre a questão da liberdade, cumpre explicitar que a questão da ética está presente em quase todas as obras desenvolvidas por Sartre, conforme evidenciado por Franklin Leopoldo e Silva (2003). Nesse contexto, ao fazer referência ao conceito de ética, faz-se importante relembrar as palavras do próprio filósofo no fim de *O ser e o nada*, o que ressalta a necessidade de investigação filosófica dessa questão no seu pensamento:

mas a ontologia e a psicanálise existencial (ou a aplicação espontânea e empírica que os homens sempre fizeram dessas disciplinas) devem revelar ao agente moral que ele é o ser pelo qual os valores existem. [...] Todas essas questões, que nos remetem à reflexão pura e não cúmplice, só podem encontrar sua resposta no terreno da moral. A elas dedicaremos uma próxima obra (2005a, p. 764-5).

Além de ser uma questão muito importante para Sartre, conforme apontado, a discussão sobre a ética evidencia a questão da liberdade, mas também coloca em questão os problemas que surgem nas relações com os outros. Desse modo, a literatura desenvolvida por ele tornou possível a abertura ideal para o desenvolvimento dos problemas relacionados com a subjetividade e, sobretudo, com a intersubjetividade. Desta forma, a literatura, e não só a sua filosofia, constitui a chave necessária para afirmar que é possível falar de ética no filósofo existencialista, desconstruindo a argumentação daqueles que afirmam o contrário.

Isso implica dizer que as expressões filosóficas e literárias de Sartre não podem ser apartadas umas das outras e devem ser analisadas numa perspectiva de complementariedade. Por óbvio, deve-se frisar que cada uma cumpre com as suas funções, cada uma foi desenvolvida com uma pretensão e métodos capazes de expressar o que se propõe. Mas não significa dizer que devem ser analisadas separadamente. Portanto, deve-se afirmar que a análise conjunta dessas duas propostas de Sartre proporciona um maior entendimento dos seus conceitos filosóficos e, sobretudo, ajuda no processo de compreensão dos temas desenvolvidos pelo filósofo. É o que também sugere Renato Belo em um artigo recente:

quando perguntado por que, em seus manuscritos literários, havia incontáveis correções ao passo que elas eram quase inexistentes nos manuscritos filosóficos, o filósofo dizia que, em filosofia havia apenas uma maneira de dizer o que se quer, enquanto há outras tantas maneiras em literatura (2020, p. 62).

Segundo o professor Franklin Leopoldo e Silva (2003), o conjunto de textos escritos por Sartre deve ser lido com vistas a apontar a existência de uma “vizinhança comunicante”. É como se existisse uma passagem interna entre as obras literárias e as obras filosóficas. Por conseguinte, essa chave de leitura permite a livre passagem entre a literatura e a filosofia. Dito de outro modo, pode-se afirmar que Sartre teria desenvolvido um método capaz de aliar a filosofia e a literatura a fim de se caracterizar a historicidade e dar conta da análise fenomenológica das vivências narradas historicamente.

A relação de uma à outra se daria por uma espécie de comunicação que, à falta de outro termo, chamaríamos de passagem interna, querendo significar com isso que a vizinhança entre filosofia e literatura é tal que não se precisaria, nem se poderia, sair de uma para entrar na outra, configurando assim dois espaços contíguos, mas apenas indiretamente comunicáveis, ou seja, em que a passagem de um a outro se daria pela mediação da exterioridade (Leopoldo e Silva, 2003, p. 13).

Essas questões que envolvem o problema da ética em Sartre devem ser implicadas a partir do momento em que o ser *para-si* se percebe no mundo. Ao partir do ser *para-si* enquanto um ser que se faz no mundo e que se apropria desse mesmo mundo, Sartre adota a noção heideggeriana de desvelamento. Nessa direção, Sartre incorpora o conceito de desvelamento e acrescenta que o *para-si* se move no mundo a partir da verdade, em uma conduta que pode ser denominada como “comportamento verificante” do ser humano (Leopoldo e Silva, 2004, p. 30).

A verdade não pode ser identificada a partir de uma conduta meramente contemplativa. Ela é verificada ao longo do processo, na medida em que o ser humano exerce a sua própria liberdade, a sua capacidade de libertação. Por essas razões, a verdade só pode ser uma atividade de desvelamento, uma atividade que surge com a conduta interrogativa do ser *para-si*. A verdade é o elemento no qual o homem se movimenta no desvelar a partir das aparições; e a história é o elemento no qual o homem se movimenta no exercício constituinte de sua liberdade.

É nesse contexto que Sartre evidencia que a liberdade deve ser entendida como o fundamento que cria as condições para a verdade. A partir da conduta interrogativa e da ignorância original, o ser humano se coloca em movimento e, exercendo a sua liberdade, cria as condições para o desvelamento das coisas e do mundo no qual está inserido. Desse modo, Sartre diz que:

o fundamento da verdade é a liberdade. Assim, o homem pode escolher a inverdade. Essa inverdade é ignorância ou mentira. Por outro lado, o desvelamento implica que o que é desvelado é originalmente velado. Subjetivamente, isso significa que a condição do homem é originalmente ignorância. Por fim, o comportamento de desvelamento é atividade: para deixar o Ser aparecer como ele é, devemos ir buscá-lo (1989, p. 57-8 – tradução livre).

Na medida em que o *para-si* conhece e se apropria do mundo, surge, também, o conhecimento dos fenômenos e dos objetos e, por conseguinte, a constituição da verdade enquanto um mecanismo histórico. Além disso, o próprio movimento intencional da consciência já revela a verdade que surge na vizinhança intencional da consciência. Desse

modo, em um primeiro momento, a verdade é dada a partir do “haver” coisas e seres humanos no mundo.

Conhecer assim é tirar o Ser da noite do Ser sem poder trazê-lo para a translucidez do *para-si*. Conhecer, porém, é conferir uma dimensão do ser ao Ser: a luminosidade. A verdade, então, é uma certa dimensão que chega ao Ser através da consciência. A verdade é o ser-como-é de um ser para um sujeito absoluto. No nível do *cogito*, torna-se inútil falar de verdade, pois temos apenas ser (existência). A essência da verdade é o “há” de “há ser” (Sartre, 1989, p. 32 – tradução livre).

Conforme explicitado por Franklin Leopoldo e Silva, a verdade não pode ser encontrada na realidade, no pronto e no acabado, mas sim na efetivação das possibilidades do ser *para-si* (2003, p. 45). Se a verdade não está aí de forma prévia, pronta e acabada, ela deve ser entendida a partir da libertação, a partir da conduta verificante do ser que interroga.

Nesse caso, a verdade só pode ser o *haver coisas* no horizonte intencional da consciência. Não se trata de acontecimentos lógicos que compõem a totalidade e que se chama de verdade. Para se atingir a verdade, é necessário que, no desvelamento, o ser humano desenvolva um comportamento verificante, ou seja, ele deve se mover na verdade e não simplesmente contemplá-la. Desta forma, no pensamento de Sartre, a verdade deve ser tratada como uma atividade que inclui a descoberta, mas, também, a intersubjetividade, “já que descobrir a verdade é inseparável de apontá-la a outros, ou seguir aquilo que os outros apontam” (Leopoldo e Silva, 2004, p. 31).

Se a verdade é esse elemento da descoberta, do desvelamento e do agir livremente no mundo, não seria admissível no pensamento de Sartre entendê-la a partir da subjetividade. Como evidenciado, a verdade vem ao mundo a partir da liberdade e da libertação. No entanto, a verdade só pode ser verdade se também fizer sentido para os outros indivíduos. A verdade não é uma construção inteiramente subjetiva, ela não depende exclusivamente de uma consciência e não pode ser entendida como sendo a justa medida de cada ser *para-si*. Do mesmo modo, há que se destacar que a verdade também não pode ser dada somente na relação com as outras consciências.

A verdade só faz sentido se existir o outro que também está no mundo e participa do desvelamento desse mesmo mundo. Mas também está na fonte da consciência que se direciona para os outros. Conforme explicitado por Leopoldo e Silva, “a verdade acontece sempre numa dupla dimensão: a visão de cada um, e o ato de proporcionar a outro ver, pela

minha visão, com os seus próprios olhos. O desvelamento é sempre para-mim e para-outro” (2004, p. 31). Portanto, a verdade só pode ser pensada de uma maneira intersubjetiva.

Diante dessa complexidade de fenômenos e aparecimentos, a verdade só pode ser entendida como o elemento histórico que constitui a vida dos seres humanos, tendo em vista que é no processo de revelação, de descobrimento, de desvelamento que os indivíduos se movem e se constituem enquanto seres em constante busca e com vistas à consolidação dos seus projetos de ser.

Considerações finais

Ao reconstruir esses principais conceitos de Sartre, fica evidente não só a sua preocupação com a questão da consciência intencional, do *em-si* e do *para-si*, mas, também, com as questões que surgem nos movimentos feitos pela própria consciência. Conforme destacado anteriormente, no final da obra *O ser e o nada*, Sartre aponta para a necessidade de se pensar uma moral existencialista. Nessa perspectiva, a manifestação da verdade a partir das condutas intersubjetivas parece apontar para a possibilidade de avançar na discussão ética proposta pelo filósofo francês.

Ao se perguntar sobre o que é a verdade, Sartre poderia defini-la a partir do conceito de ser *em-si*, ou seja, de algo pronto, acabado e inerte. Ora, a verdade não é definida objetivamente a partir do que é posto em determinadas épocas e lugares. A verdade não pode ser definida de forma objetiva, muito menos de uma forma subjetiva. Conforme explicitado por Leopoldo e Silva, “a verdade não deve ser procurada numa assimilação do *para-si* ao *em-si* ou vice-versa, mas na distância entre ambos” (2004, p. 29).

Ao se propor responder à pergunta sobre o que é a verdade, muitos outros problemas surgiram no horizonte da consciência intencional. Ora, a consciência é translúcida e opera a partir da subjetividade e em direção ao mundo; e o homem, por sua vez, é um ser do mundo e está no mundo juntamente com outras coisas e outras consciências. Com o processo de desvelamento do mundo, o ser humano se projeta enquanto um ser livre e em um comportamento verificante. É em função da sua liberdade que o homem se coloca na verdade, não só na verdade para si, mas, sobretudo, na verdade para outros, na verdade que só pode ser intersubjetiva. Portanto, conforme evidenciado por

Sartre, “poderíamos dizer com Heidegger: sem liberdade, não há verdade” (1989, p. 159 – tradução livre).

REFERÊNCIAS

- ARONSON, Ronald. La morale de la vérité. *Études sartriennes*, n. 5, p. 157-66, 1993.
- BELO, Renato dos Santos. Filosofia e literatura em Jean-Paul Sartre: “vizinhança comunicante” e “ressonância ética” como ferramentas interpretativas. *Eleutheria*, v. 5, n. 9, p. 58-79, 2020.
- LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Filosofia contemporânea*. Teresópolis: Daimon, 2013.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. Conhecimento e identidade histórica em Sartre. *Trans/Form/Ação*, v. 26, n. 2, p. 43-64, 2003. <https://doi.org/10.1590/S0101-31732003000200002>.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. *Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios*. São Paulo: UNESP, 2003.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. Para a compreensão da história em Sartre. *Tempo da Ciência*, v. 11, n. 22, p. 25-37, 2004.
- SARTRE, Jean-Paul. *A transcendência do ego: esboço de uma descrição fenomenológica*. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2023.
- SARTRE, Jean-Paul. Les racines de l'éthique: conférence à l'Institut Gramsci, Mai 1964. *Études sartriennes*, n. 19, p. 11-118, 2015.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2005a.
- SARTRE, Jean-Paul. Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: l'intentionnalité. In: SARTRE, Jean-Paul. *Situations I*. Paris: Gallimard, 2005b.
- SARTRE, Jean-Paul. *Vérité et existence*. Paris: Gallimard, 1989.
- SILVA, Luciano Donizetti da. *Ética e liberdade em Sartre: da negação da infância ao homem infantilizado*. Curitiba: Appris, 2018.
- SIMONT, Juliette. Une première approche de *Vérité et existence*. *Revue de la philosophie française et de langue française*, v. 4, n. 2-3, p. 142-54, 1992. <https://doi.org/10.5195/jffp.1992.53>.
- SOUZA, Thana Mara de. *Sartre e a literatura engajada*. São Paulo: Edusp, 2008.